



UNIVERSIDADE DOS AÇORES
Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais
Mestrado em Ciências Sociais

CECÍLIA DO ROSÁRIO FARIAS PAVÃO

O ESPELHO DA VELHA
IMAGENS DA VELHICE INSTITUCIONALIZADA

Dissertação apresentada na Universidade dos Açores para obtenção do grau
de Mestre em Ciências Sociais

Orientador: Professor Doutor Licínio Manuel Vicente Tomás

PONTA DELGADA

2013

O Espelho da Velha: imagens da velhice institucionalizada

Resumo

O objetivo desta dissertação é dar conta da forma como se produzem as imagens ou construções sociais acerca da velhice institucionalizada, sobretudo na esfera individual dos idosos internados permanentemente em equipamentos destinados à velhice dependente. Analisa-se a formação das categorias sociais e a influência dos principais agentes dessa construção e o impacto que a instituição tem, quer no quotidiano dos institucionalizados, quer no seu processo identitário. O trabalho empírico consiste na leitura das autoimagens dos velhos em situação de institucionalização.

Palavras-chave: imagens, categorias sociais, velhice dependente, velhice institucionalizada.

Abstract

The goal of this dissertation is to explain the way how are produced the images of old age in a nursing home, especially in the olds individual sphere, who are living permanently in an establishment created to accept the dependent elderly. We analyze the construction of the social categories and the influence of their most important agents, such as their impact in the olds quotidian and identity's process. The empirical work consists on reading the personal images of the elderly situation in the nursing home.

Keywords: images, social categories, dependent elderly, old age in nursing home.

ÍNDICE GERAL

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 6 |
| CAPÍTULO I | 18 |
| VELHAS E NOVAS IMAGENS | 18 |
| 1. Uma questão de ótica..... | 18 |
| 1.1. Memória ao espelho..... | 19 |
| 1.2. Jogos de luz e de sombras | 28 |
| 1.3. Fazedores de imagens..... | 33 |
| 1.4. Novos velhos..... | 38 |
| CAPÍTULO II..... | 40 |
| PENTEADO, JÓIAS E PÓ-DE-ARROZ | 40 |
| 2. O último mundo novo | 40 |
| 2.1. Lar total | 41 |
| 2.2. Vaidades, rugas e saudades | 45 |
| 2.3. <i>Alter ego</i> | 48 |
| 2.4. O espelho fragmentado | 50 |
| CAPÍTULO III | 53 |
| CENÁRIOS E PANO DE FUNDO | 53 |
| 3. Enquadramento | 53 |
| 3.1. <i>Esta terra</i> | 54 |
| 3.2. <i>A casa</i> | 56 |
| 3.2.1. <i>O asilo</i> | 59 |
| 3.3. <i>Esses velhos que estão p'raí</i> | 59 |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO IV | 65 |
| <i>ESPELHO MEU</i> | 65 |
| 4. Molduras e imagens | 65 |
| 4.1. Reflexos | 66 |
| 4.2. Colocação | 68 |
| 4.3. <i>Não Gosto de me ver ao espelho</i> | 71 |
| 4.3.1. Imagem de Ana | 74 |
| 4.3.2. Imagem de Dulce | 75 |
| 4.3.3. Imagem de Rosa | 77 |
| 4.3.4. Imagem de António | 77 |
| | |
| CONCLUSÕES E INTERPRETAÇÃO EXPLICATIVA | 80 |
| | |
| BIBLIOGRAFIA | 84 |
| | |
| ANEXO A – Excerto dos Estatutos da Irmandade, de 1879 | 95 |
| | |
| ANEXO B – Atuais Estatutos da Irmandade | 97 |
| | |
| ANEXO C – Ficha Biográfica de Utente | 113 |
| | |
| ANEXO D – Guião das Entrevistas Semiestruturadas | 117 |
| | |
| ANEXO E – Transcrição das Entrevistas | 119 |

ÍNDICE DE QUADOS

| | |
|---------------|----|
| Quadro 1..... | 69 |
|---------------|----|

ÍNDICE DE GRÁFICOS

| | |
|--|----|
| Gráfico 1 – Distribuição por sexos | 60 |
|--|----|

| | |
|--|----|
| Gráfico 2 – Média simples de idades H/M..... | 61 |
|--|----|

| | |
|---|----|
| Gráfico 3 – Estado Civil, Mulheres..... | 61 |
|---|----|

| | |
|--|----|
| Gráfico 4 – Estado Civil, Homens | 62 |
|--|----|

| | |
|---|----|
| Gráfico 5 – Idade ao internamento, Mulheres | 62 |
|---|----|

| | |
|---|----|
| Gráfico 6 – Idade ao internamento, Homens | 63 |
|---|----|

| | |
|---|----|
| Gráfico 7 – Tempo de Internamento, Mulheres | 63 |
|---|----|

| | |
|---|----|
| Gráfico 8 – Tempo de Internamento, Homens | 64 |
|---|----|

INTRODUÇÃO

Cada um tem as suas próprias imagens da velhice e do processo de envelhecimento humano, que advêm de impressões, sentimentos, receios, maior ou menor veneração pelos velhos. Da nossa infância a imagem da velhice dos nossos avós, na vida adulta a da velhice dos nossos pais e, na marcha do tempo, a imagem que temos do nosso próprio envelhecimento que, inevitavelmente, se manifesta. Estamos em presença de representações pessoais e/ou coletivas que se forjam no mundo social.

Enquanto categoria social, a velhice foi sempre ambígua e inclusiva, abrangendo, ao longo dos tempos, grupos de indivíduos de 50 ou menos anos até aos centenários. Inclui ricos e pobres, ativos e decrepitos.

Na produção científica sobre a velhice predominam sobretudo as imagens da demografia, da saúde e da economia. Ou seja, temos vindo a enfatizar as dicotomias juventude/velhice, saúde/doença e atividade/inatividade. “Certo é que muitas outras áreas disciplinares, como a demografia, a ergonomia e a gerontologia (provavelmente em litígio com a sociologia), reivindicaram para si, quase em exclusivo, as temáticas do envelhecimento, encarando-o como processo individual e degenerativo.” (Tomás, 2012:16).

A sociologia busca compreender os fenómenos e as razões da emergência dos problemas sociais. Recebe problemas do mundo social, geralmente a partir do Estado. A ‘criação’ desses problemas depende das conjunturas,

variam ao sabor das flutuações da consciência social do momento. Aí está uma das mediações por meio das quais o mundo social constrói a sua própria representação, servindo-se para isso da sociologia e do sociólogo. Deixar em estado impensado o seu próprio pensamento é, para um sociólogo mais ainda que para qualquer outro pensador, ficar condenado a ser apenas *instrumento* daquilo que ele quer pensar. (Bourdieu, 2001:36).

Uma das formas para fazer a necessária rutura – a que Bourdieu chama *uma conversão do olhar* – é analisar a história social dos problemas, dos objetos e do modo de os pensar – ou seja – a construção da realidade social, nomeadamente a que se refere à velhice. É necessário fazer a história da emergência social deste problema.

Ora, Bourdieu diz claramente que é mais fácil estudar o indivíduo do que as relações sociais. É mais fácil estudar a diferenciação social, através da noção de classe, que pensá-la em termos relacionais. Assim, pensar os «velhos» como categoria pré-constituída, é mais atrativo para o sociólogo. O primeiro passo, sugere, deve ser o verdadeiro ponto de rutura: “tomar para objeto o trabalho social do objeto pré-construído” (Bourdieu, 2001:28).

Este autor considera que a história e a sociologia devem escapar às «alternativas mortais» das oposições entre o coletivo e o singular, ou seja, dos determinismos estruturais que separam o indivíduo da sociedade. Chama igualmente a atenção para a história no estado objetivado – máquinas, monumentos ou museus – e no estado incorporado – tornado *habitus*. Na conceção bourdiana, o ator individual está fortemente dependente da estrutura da classe e do campo onde se insere. O autor considera haver uma subordinação das práticas a uma intenção objetiva, «orquestração sem maestro», o que implica a concordância da «vocalização». Por outras palavras, os agentes mais não fazem do que cumprir aquilo para que foram feitos e o que deles se espera, “e de o fazer com gosto – no sentido objetivo e subjetivo – ou na convicção resignada de não poder fazer outra coisa” (Bourdieu, 2001:87).

Contudo, nesta dialética entre indivíduo e sociedade, feita de tensões e regularidades, nenhuma personalidade isolada consegue, por si só, romper a teia interna – ou o rumo – que forja o destino histórico do coletivo¹. Outro fator a não negligenciar é a desigual capacidade de os indivíduos singulares influenciarem o destino da sociedade onde se inserem. Os mais desfavorecidos, provenientes de camadas mais baixas, dispõem de uma margem de manobra muito mais reduzida. (Elias, 2004).

Como age a sociedade sobre os indivíduos? A sociedade iguala, tipifica e individualiza.

O homem singular só pode ser, pelo contrário, entendido pela e na sua coabitação com outros. A estrutura e a qualidade de formação da conduta

¹ Elias enfatiza a discussão histórica à volta dos dois polos: “tudo depende do indivíduo” ou “tudo depende da sociedade”. Se, por um lado, a crença no poder ilimitado de personalidades singulares é um sonho, a crença contrária – da igual importância de todos – é igualmente irrealista. Conclui que a influência do singular é de graus diversos (conforme as funções sociais, a posição e o poder na escala social) e que o todo social desenvolve a sua própria teia do destino, que lhe advém da própria história, da sua complexidade e especialização. “E assim a sociedade humana se move como um todo, assim se deu e se dá toda a transformação histórica da humanidade: crescendo de planos, mas de forma não planeada. Movida por fins, mas sem finalidade.” (Elias, 2004:84-85).

comportamental de um indivíduo dependem da estrutura das relações entre os indivíduos. A raiz de todos os equívocos reside no facto de a sociedade, de as relações entre os seres humanos terem, na verdade, uma estrutura e uma regularidade próprias que não podem ser entendidas a partir dos indivíduos singulares, mas não terem qualquer corpo, qualquer «substância» exterior aos indivíduos. (Elias, 2004: 81-82).

Criamos habitualmente uma ideia do tipo tradicional sobre o que somos enquanto seres individuais e outra, seguindo o mesmo modelo, sobre a sociedade. Mas estas ideias ainda são dependentes do que os homens desejam e receiam, transformam cargas afetivas ou sentimentos negativos. São disposições interiorizadas e antagónicas, decorrentes da socialização, para pensar o indivíduo e a sociedade. Carecemos, diz Elias (2004), de novos modos de pensamento e de uma visão global. A “lente de focagem”, sugere, deve apontar para o que separa o indivíduo dos outros (por exemplo, o nome) e para o que aproxima (como a nacionalidade), dando assim lugar à importância das estruturas específicas das teias de relações que se desenvolvem.

O processo de individualização conheceu, relembra Elias, um forte impulso nos séculos XV, XVI e XVII europeus. A consciencialização da dependência de autoridades «exteriores» foi paulatinamente dando lugar à importância do pensamento autónomo e individual. O aumento do nível de autoconsciência a partir da renascença – o esquema base ainda hoje presente em muitas sociedades – fez-nos atingir um nível superior, com o alargamento do conhecimento dos indivíduos sobre si mesmos. Dito à luz de Elias, aprendemos a captar as autoimagens através de um espelho mais distanciado².

Hoje, ao contrário do passado, reina o *eu* sobre o *nós*. Esta característica das estruturas sociais mais evoluídas e complexas aprofunda o antagonismo entre o indivíduo e a sociedade e também em relação ao Estado³. Os Estados atuais tentam atenuar as diferenças entre os indivíduos. O homem singular passou a ser um nome, um número,

² Elias sublinha que a pluriestratificação da consciência no desenvolvimento humano pode ser apreendida na literatura. A prosa narrativa deu lugar ao romance, às «paisagens interiores», espelhando as mudanças ocorridas ao nível do conhecimento de si.

³ As Repúblicas de Atenas e Roma antigas reforçavam a identidade do *Nós*, pela forte pertença à família, à tribo ou ao Estado. Nas línguas clássicas, lembra Elias, não havia nenhum termo equivalente a indivíduo. Na Grécia, por exemplo, a conotação negativa do termo *idiotes* ilustra a baixa consideração por alguém alheado do Estado. Mais recentemente, e aludindo à sua busca de cerca de 50 anos pelas relações entre sociedade e indivíduo, Elias constata que antes da segunda grande guerra o conceito de sociedade era muito mais vasto. Os próprios sociólogos estabeleciam as fronteiras do Estado como limites da sociedade.

um eleitor, um contribuinte ou um beneficiário. A individualização está assim fortemente ligada à estrutura do Estado e à distribuição do poder.

Na sua conceção de hábito social, Elias propõe que o método sociológico se foque nos indivíduos singulares, ao invés de na sociedade, convocando os conceitos de «estrutura social de personalidade» ou «fase e padrão da autorregulação individual». O hábito social de Elias é útil para «contornar» a dicotomia indivíduo / sociedade e permite a pesquisa sociológica de factos sociais que nos têm escapado. Constitui-se como o carácter específico que o indivíduo partilha com outros membros da sociedade, “a terra-mãe da qual nascem as características pessoais pelas quais o homem singular se distingue de outros membros da sociedade⁴.” (Elias, 2004:205). O autor destaca ainda que o hábito social podia apenas apresentar uma faceta nas sociedades mais simples mas tornou-se multifacetado nas mais complexas, assumindo a multiplicidade de papéis postulada por Goffman. É pelo hábito social que se forma a identidade procurada do *eu-nós*, pessoas singulares e sociais ao mesmo tempo.

O homem singular recebe um nome de família, logo não existe o *eu* sem o *nós*. Decorre daqui que a identidade é um processo – singular e social – que se constrói e evolui ao longo do percurso da existência. Relaciona-se fortemente com a memória. A memória guarda saberes e experiências passadas – o património de disposições acumuladas de Bernard Lahire (2003) – e utiliza-as (convoca-as, ativa-as) para comandar sensações, comportamentos e problemas posteriores. “Quanto maior for a margem de diversidade das experiências vitais, gravadas na memória do homem singular, no âmbito da evolução da sociedade, tanto maior será a hipótese de individualização.” (Elias, 2004:209).

As normas e os ideais, refere Elias (2006), construídos no social, vão sorrateiramente assumindo, no interior do *eu*, a sua própria existência, um «dever ser». A nossa capacidade de distanciamento mental em relação aos mesmos faz-nos interiorizá-los como mecanismos de autocontrolo interiores, não exteriores. Dito de outro modo, a interiorização é o autocontrolo como automatismo integrado, independente de controlos exteriores.

A análise crítica do processo civilizacional, formador da imagem que o homem atual tem de si próprio (no sentido em que o processo de individualização conduziu ao homem como objeto do seu próprio pensamento), fez aumentar a autoconsciência

⁴ O indivíduo partilha com os outros a mesma língua, componente do hábito social, mas tem o seu próprio estilo que o torna inconfundível: a letra.

individual. Elias (2006) propõe a observação cuidada das transformações (e respetivas direções) de ordem psíquica ocorridas nos factos históricos. A autoconsciência foi, ela própria, gradualmente «civilizada» pela introdução de coações e medos⁵ socialmente cultivados.

Retomando o desafio de Bourdieu de assumir como objeto de estudo o trabalho social do objeto pré-construído – para nós categoria social – procuraremos seguir o conselho avisado de Kaufmann (2003). Considera que a obsessão em criar teoria remete os factos para o âmbito do manipulável, como instrumentos de ilustração e/ou confirmação. O desafio que se impõe é alterar o modo de construção do objeto, a partir dos factos, e segui-los sempre de perto, no caminho da progressiva construção da teoria.

Contudo, adverte o autor, o terreno armadilha frequentemente o trabalho do investigador. “De facto, as categorias recolhidas têm uma força considerável e desenham lógicas de coerência ou argumentação irresistivelmente atraentes. Histórias de vida, monografia, questionamento social, etc.: impõem-se grelhas de inteligibilidade próximas do senso comum.” (2003:13). Kaufmann preconiza, igualmente, o retorno sistemático ao terreno, sob novos ângulos e a diferentes níveis de abstração, em busca de outras potenciais ilustrações e fontes indutivas.

Nos nossos dias as imagens negativas da velhice prevalecem sobre as positivas. Decorre daqui que as imagens negativas da velhice têm por base uma multiplicidade de discursos e circunstâncias que refletem várias posições ideológicas, a partir de contextos diversos.

Na modernidade, assiste-se a uma classificação de idades estreitamente ligada ao mundo do trabalho, como aponta Tomás (2012). Tomaremos como velhos os indivíduos com 65 e mais anos⁶.

O envelhecimento é, um processo contínuo que acompanha o ser humano desde a conceção. Contudo, tendemos a falar em velhice quando as capacidades individuais começam a diminuir, embora tal não aconteça a todos do mesmo modo ou na mesma faixa etária. Mas impõe-se, no nosso caso, estabelecer a fronteira. Assumiremos a velhice incapacitante, a que se pode manifestar mais cedo ou mais tarde, aquela que

⁵ Medos a que Elias chama sociogénicos. Aponta-os como um dos problemas centrais da civilização.

⁶ No seu estudo *Conjugação dos Tempos de Vida: idade, trabalho e emprego*, Tomás toma como referência os 45 anos, idade a partir da qual analisa a situação dos “ativos mais velhos”. Como bem sublinha, no mundo do trabalho, ter 45 anos significa ser «velho» na atividade produtiva. (Tomás, 2012).

retira aos indivíduos a capacidade de viverem sozinhos, seja por doença mental (em geral do foro da senilidade ou outro tipo de demência) ou física (acidentes vasculares cerebrais, surdez ou cegueira). As causas que levam ao internamento de idosos ilustram exemplos dessa velhice de várias idades, embora possamos, regra geral, assumir que estamos perante a chamada grande idade, a dos velhos mais velhos.

Bourdieu (1979) vê o envelhecimento social como um luto, um desinvestimento – socialmente encorajado – que impele os indivíduos a adequarem desejos e aspirações à sua real possibilidade, “a serem o que é suposto serem”, a conformarem-se com a categoria de velhos. O campo da velhice é assim um espaço social próprio para velhos e o tempo social de abandonar os sonhos pelo caminho, de os «chorar» como irrealizáveis. Este facto, a que Bourdieu chama *efeito de trajetória* decorre da pressão que se exerce sobre os indivíduos no sentido de se ajustar a determinadas posições de classe. A velhice é assim, em Bourdieu, uma trajetória de declínio social, em que é comum as pessoas evocarem «glórias passadas», numa demanda ingloriosa de voltar, senão à posição de origem, pelo menos ao ser social que já foram. O que os indivíduos e os grupos investem, pelo uso que fazem, no sentido que dão aos sistemas de classificação é muito mais que o seu interesse, é todo o seu ser social, o que espelha a imagem que têm de si próprios, um contrato do *Nós*. Bourdieu clarifica que todos os atores sociais incorporam esquemas de perceção classificatórios, de carácter antagónico (bom-mau; belo-feio; espiritual-material) que têm na sua base o princípio da oposição entre a «elite» dominadora e a «massa» dos dominados.

Relativamente ao conceito de ação social, adotaremos a árvore conceptual de Pires (2007).

A ação social é interpretativa ou racional. A ação interpretativa é moral (norma) ou comunicativa (interação): na ação interpretativa intervêm o papel desempenhado pelo ator, segundo uma orientação proveniente da socialização; a ação comunicativa é performativa (ritualizada) ou reflexiva (tipificada). Por seu lado, a ação racional é instrumental ou subjetiva. Na instrumental (movidada por interesse) participam a estratégia (espécie de jogo social) e a paramétrica (a preferência); a ação subjetiva – baseada na crença – pode ser axiológica (baseada em valores) ou cognitiva – decorrente das representações.

Relativamente às estruturas sociais, podem ser externas (funcionando como constrangimentos) e internalizadas. A nossa estrutura externa é o lar de idosos, na sua vertente de estrutura cultural, que regula as ações através das regras, sendo também

normativa ao definir os *status*. As estruturas internalizadas – ou interiorizadas pelos indivíduos institucionalizados – configuram-lhes os procedimentos através dos códigos de conduta, em conjugação com as disposições – ou modelos para agir. No âmbito procedimental, coexistem a dualidade, ou rotina, e o dualismo ou hierarquia. Do lado disposicional, situamos a pluralidade das disposições (proposta em Lahire) e o holismo do habitus.⁷

A cultura cria e recria o mundo constantemente. É através dela que se cristalizam os papéis, a dominação, os códigos e os estatutos sociais, ou seja, o lugar de cada um no todo social. Assumiremos a concepção de cultura proposta por Morin. É um conjunto de conhecimentos, consolidados e reconhecidos pelo social, que engloba um

duplo capital. Por um lado, um capital técnico e cognitivo – de saberes e de saber-fazer (...) e, por outro lado, um capital específico, que constitui os traços da sua identidade original e alimenta uma comunidade singular em referência aos *seus* antepassados, aos *seus* mortos, às *suas* tradições.” (Morin, 2000:165).

Relativamente à metodologia Bourdieu (2001) distingue a «observação participante», que considera falsa participação num grupo estranho, da «objetivação participante». Esta incide ora sobre um objeto particular, com princípios próprios de apreensão, ora sobre as categorias socialmente construídas acerca dele. A objetivação participante será, portanto, o trabalho de reintroduzir na análise a consciência de que os pressupostos e preconceitos existem, associados ao ponto de vista de quem os estuda. Corroboramos e acolhemos o conteúdo da proposta da objetivação participante, embora utilizemos, por adequação à literatura dominante, a designação de observação participante, isto é, a nossa observação participante é fundamentalmente objetivação.

Após este breve preâmbulo teórico, impõe-se a construção e delimitação do nosso objeto de estudo: as imagens da velhice institucionalizada.

Antes da constatação da “idade da vida” a que chamamos velhice, diz Caradec (2001), é necessário compreender as construções sociais que lhe estão associadas e que derivam da institucionalização do processo de reforma, das diversas categorizações da velhice, da evolução das suas representações sociais e das relações intergeracionais.

⁷ Esta proposta concetual de Pires (2007), distingue e agrega as abordagens de vários sociólogos, escolas e correntes, objetivo que o autor persegue. Na sua última árvore conceptual – sobre as dimensões analíticas dos conceitos de ação e estrutura, Pires reúne as propostas de estrutura e ação na definição de ordem social.

Caradec (2001) identifica três objetos de investigação da sociologia da velhice e do envelhecimento: o estudo do estrato de idade, que remete para a construção social da velhice, das suas representações sociais e das relações intergeracionais; a descrição do grupo das pessoas idosas e ainda o estudo do envelhecimento individual e da sua relação com o mundo. O presente trabalho situar-se-á no primeiro objeto de investigação apontado.

O objetivo do presente estudo centra-se na compreensão das representações sociais da velhice humana, mais especificamente da institucionalizada. Pretendemos contribuir para um melhor conhecimento desta realidade social num contexto de vida em lar de idosos, mais concretamente no Lar Bom Jesus da Pedra, valência da Santa Casa da Misericórdia de Vila Franca do Campo. Estamos, pois, em presença de um microcosmos social.

A ideia surgiu da nossa observação direta e relativamente frequente dos idosos em situação de institucionalização. Constatámos, por um lado, as suas diferentes origens, estatuto e capital social e, por outro, as suas diversas estratégias de ação – com vista à obtenção de privilégios ou prerrogativas – e as suas singulares formas de interação em contraposição à tendência unificadora da ação da instituição. Cada uma destas pessoas afigurava-se-nos claramente um mundo singular único, sujeito a um quadro físico e institucional unificador.

Um segundo elemento impulsionador do estudo foi a leitura de *O Homem Plural* de Bernard Lahire (2003). O desafio a que nos propomos é uma espécie de ousadia sociológica: olhar a realidade da institucionalização a partir da teoria do ator plural de Lahire. Convocaremos, pela pertinência no nosso estudo, as «tensões interpretativas», invocadas por este autor, entre as ideias de unicidade e homogeneidade dos atores sociais contra as de fragmentação do *eu*; as que valorizam ou não o conjunto das experiências passadas dos indivíduos e as do ator-estratego e da ação inconsciente.

De facto, sublinha Lahire (2003), um determinado ator social, inserido num grupo ou categoria social, pode desconcertar o investigador com aptidões, forma de pensar e agir e património cultural completamente díspar das características classificadoras desse grupo. O autor assevera que a coerência e a homogeneidade das várias experiências e esquemas de ação do indivíduo deveriam ser encaradas como hipótese e não como postulado. Neste confronto científico ente homologias e diversidades encontram-se por vezes a antropologia e a história. A primeira tende a homogeneizar cada dimensão da

vida que remete à respetiva sociedade e de certa forma a simboliza. A história, por sua vez, capta diferentes tipos de comunicação no seio de uma mesma cultura e época.

Se nos reportarmos à realidade de um lar de idosos, a partir do pensamento de Lahire (e ainda com a leitura dos contributos dos outros autores já citados)⁸, não teremos a tendência para uma imagem homogeneizada dos indivíduos internados? A priori, atribuímos a todos eles características semelhantes e classificadoras no que se refere ao estatuto social, nível de rendimentos, situação familiar, capital cultural e tipos de comportamento. Veiculamos mesmo a imagem homogeneizada de velhos solitários, apáticos, sentados ou acamados, com baixo nível de interação, repetindo rotinas diárias aparentemente aceites.

Adotaremos aqui o estudo das pessoas idosas dependentes. Interrogar-nos-emos, como fez Caradec (2001), acerca da consciência social desse grupo e das suas especificidades, sob a forma de imagens socialmente produzidas. A velhice institucionalizada é aqui entendida como fase da vida em situação de internamento num equipamento social ou instituição fechada para idosos. Ser velho numa instituição é a antecâmara do fim do tempo, é, como dizem os próprios internados, morar na casa de onde só se sai para o cemitério. Pretendemos falar mais com os velhos, ao invés de falar tanto deles, propósito que perseguimos neste trabalho, como contributo para uma melhor compreensão das vivências da velhice na primeira pessoa.

Por outro lado, interessa ainda refletir sobre o interesse da instituição na uniformidade de comportamentos dos internados, enquanto meio de manutenção de regras facilitadoras da sua ação.

Não cabe certamente no âmbito deste trabalho de mestrado o aprofundamento epistemológico e a crítica exaustiva de conceitos, de teorias e da hierarquia de conhecimentos construídos pela sociologia ou pelo conjunto das ciências sociais. Não é nossa intenção ajustar o trabalho a critérios e teorias construídas *a priori*, em contextos de investigação muito diversos dos nossos.

Não iremos além de um contributo ou reflexão, no contexto que estudamos, para o estudo de um objeto bem delimitado, com recurso à metodologia mais adequada. Esta, embora cuidada e justificada não seguirá necessariamente a rigidez dos manuais de métodos.

⁸ Todas as traduções feitas ao longo do corpo de texto são livres e da nossa responsabilidade.

O nosso caminho consistirá, antes, num trabalho sério de apreensão do real, no contexto dado, seguindo a máxima de que «o ponto de vista cria o objeto». Este é um esforço científico bem-intencionado de apreensão do real, sob a linha orientadora do *Homem Plural* de Bernard Lahire, sem deixar de convocar, sempre que achemos pertinente, outros contributos, mas que se pretende relativamente liberto das construções teóricas e metodológicas apriorísticas, as quais nos poderiam cercear/limitar a análise. Porque este é um objeto único, o que nos é dado compreender, com atores sociais singulares, num contexto socio-histórico ímpar, irrepetível.

Situamo-nos ao nível do singular individualizado, da microssociologia. Mais do que infirmar teorias já produzidas ou cair na vaidade de descobrir uma nova, ficar-nos-emos por um olhar singular de uma realidade específica, porém complexa, que poderá contribuir para despertar noutros a imaginação sociológica para a descoberta de novos objetos ou novos pontos de vista sobre o tema agora abordado. Se tal acontecer, terá valido a pena.

A Anciã Vendo-se ao Espelho, do pintor italiano Bernardo Strozzi, inspirou-nos o título deste trabalho. A metáfora do espelho foi largamente utilizada pela arte desde o século XV para ilustrar o medo do envelhecimento e da morte, inúmeras vezes tomado por vaidade, sobretudo nas mulheres. Recorreremos igualmente à metáfora do espelho para dar conta da multiplicidade de imagens que o todo social, e bem assim os idosos institucionalizados, produzem sobre a velhice institucionalizada. A nossa Anciã é assim esta velhice afastada pelo internamento num lar. O seu espelho refletirá as imagens – ou construções sociais – conforme o ângulo, a iluminação ou a colocação que decidimos, em termos metodológicos, aplicar.

Neste âmbito achamos pertinente o artigo de Sabino e Luz (2011), sobre o conto “O espelho. Um esboço de uma nova teoria da alma humana”, publicado na obra *Papéis Avulsos* de Machado de Assis. É uma boa síntese sociológica das problemáticas da subjetivação e da identidade, à luz da teoria social e uma espécie de sumário deste nosso trabalho. Alude à dualidade lógico-prática das ações humanas – partindo das interações sociais para as representações – imagens para nós. A pluralidade de papéis, proposta por Foucault e Bourdieu, assenta nas relações de poder e dominação. Em Goffman, a manipulação de papéis é também a das diferentes identidades que a pessoa (*persona* – ou máscara, de Marcel Mauss) põe em ação, em relação com o sistema cultural e simbólico onde se insere. A *práxis* social decorre da interiorização (socialização), pelo

indivíduo, da exterioridade (estruturas). Esta dinâmica está, contudo, sempre sujeita a negociações do *self*, a sucessivas avaliações das estratégias a adotar pelo ator.

No caso dos idosos internados em Lar, o novo papel que assumem – o de socialmente dominados – altera-lhes a identidade, “dissolvida pela ausência gradativa das relações sociais perpassadas pela estrutura de poder constitutiva da cultura na qual ele mesmo estava inserido.” (Sabino & Luz, 2011:240) Porém, a sua despromoção social não impedirá a reflexividade⁹ – aqui metaforizada pelo espelho. Este “constitui-se, não apenas como instrumento que reflete a imagem, mas como o próprio *self*, a própria alma interior que tem inscrito no seu fundo recôndito a exterioridade” (*idem*:244).

Falaremos de imagens enquanto sinónimo de construções sociais e atribuições de sentido, o que transcende o conceito de representações.

Pretendemos, portanto, resposta a esta pergunta central: como se produzem, em nós e nos idosos em situação, as imagens da velhice institucionalizada? Buscaremos a possível solução nas hipóteses:

A – A imagem da velhice institucionalizada é um processo social complexo, em contínua reconstrução, em que intervêm múltiplos atores;

B – O idoso institucionalizado tem uma determinada imagem da sua situação. Ator social até ao fim, age sobre si e sobre os outros. Usa as imagens da velhice institucionalizada como estratégias para alterar a sua situação, de acordo com os seus interesses e expectativas;

Relativamente à metodologia aplicada, construámos uma ficha biográfica de utente para a recolha de informações relevantes sobre os residentes no lar. Seguidamente optámos pela entrevista semiestruturada, ou não-diretiva. A nossa proximidade com os entrevistados foi uma arma de dois gumes. Por um lado, a confiança em nós – pelas funções na Santa Casa – e os laços criados com os internados há mais tempo ampliaram os conteúdos. Por outro, o esforço de objetivação e a luta contra a subjetividade e os sentimentos envolvidos não foram demanda fácil. Assumimos o risco, pese embora os esforços desenvolvidos no sentido de o atenuar. Este trabalho foi um encontro nosso com imagens do humano, espelho do outro em nós, facto que muito nos enriqueceu. Por isso não poupámos tempo nem atenção nas entrevistas aos idosos internados no Lar

⁹ A reflexividade é o mediador da influência estrutural. “Mediante o exercício a reflexividade, os sujeitos elaboram projetos e definem estratégias com base nas circunstâncias sociais em que estão inseridos e nos recursos a que têm acesso.” (Caetano, 2011:158).

Bom Jesus da Pedra, valência da Santa Casa da Misericórdia de Vila Franca do Campo. Rodeámo-nos do maior cuidado na elaboração do guião de entrevista e do mais profundo respeito por estas pessoas que referem amiúde não esperar muito mais da vida. Como veremos, estas entrevistas não se enquadram inteiramente nos padrões normais da sua tipologia metodológica, sobretudo na medida da sua duração ou tempo necessário à sua concretização. Fomos permanentemente interrompidos pelas mais interessantes estratégias de nos ‘roubar’ tempo, de nos reter e prender a atenção. Preenchidas de longos e significativos silêncios, ausências de palavras plenas delas, poucas ou muitas palavras efetivamente ditas, as entrevistas atraem-nos pela riqueza humana e desafiam-nos o saber colhido dos livros.

O trabalho encontra-se dividido em quatro capítulos.

O primeiro aborda a problemática da construção social das imagens sobre esta fase do ciclo de vida. Engloba uma breve incursão pela história da velhice e pela forma como as imagens predominantemente negativas dos velhos perduram nas sociedades modernas; delimita os conceitos utilizados e analisa a formação dos estereótipos com base na idade dos indivíduos e os agentes sociais mais influentes nesse processo.

No segundo capítulo consideraremos o processo de institucionalização, desde a entrada no lar, ou rutura com o passado até então vivido, passando pela adaptação, até à situação atual. Como veremos adiante, o lar – instituição total no sentido goffmaniano, constitui-se igualmente como espaço de novas relações sociais e palco de estratégias identitárias.

No terceiro capítulo daremos conta dos atores e dos planos que estão na base do nosso trabalho. Faremos a contextualização da instituição e a apresentação dos atores sociais em situação de institucionalização. A nossa população alvo é o conjunto de idosos em situação de internamento. Por outro lado, procuraremos conhecer a sua situação social e familiar, no contexto da população do concelho. De relevante importância será também a apresentação da instituição, da sua natureza e modo de funcionamento.

No quarto capítulo tentaremos inferir as nossas hipóteses a partir de quatro relatos de vidas. A utilização da metodologia escolhida afigura-se a mais adequada, porquanto desejamos conhecer o significado do vivido, passado e presente.

Esperamos que a recolha e análise dos relatos de vida dos idosos em instituição total forneça dados sobre as nossas representações sociais de um mundo cada vez mais velho, lançando pistas a novos olhares sobre esta realidade e a novas formas de a viver.